

PROJETO INTEGRADO DE PESQUISA

Produtividade em Pesquisa – PQ -2017 - CNPq

Educação intercultural: aprender com os povos originários do Sul a decolonizar a educação

Prof. Dr. Reinaldo Matias Fleuri

UFSC/PPGICH (2018-2022)

Dados do Projeto e do Proponente

Sigla:	Intercultura
Título do Projeto:	Educação intercultural: aprender com os povos originários do Sul a decolonizar a educação Intercultural education: learning from Southern Indigenous Peoples to decolonize education
Referência da Chamada:	Produtividade em Pesquisa
Vigência do Projeto	Março de 2018 a fevereiro de 2022
Linha(s) de atuação em que se insere o projeto (*):	(7) Pesquisa; () Desenvolvimento tecnológico e inovação; () Projetos de demonstração e aplicações; () Tecnologias-chave () Protótipos; () Serviços; (6) Capacitação científica e tecnológica (5) Estudos prospectivos
Coordenador do Projeto:	Reinaldo Matias Fleuri
Instituição Executora:	UFSC/PPGICH
Data:	28 de agosto de 2017

Palavras Chave: Bem-viver, educação intercultural, sustentabilidade, decolonialidade, indígenas, educação inclusiva.

Key-words: Well-living, intercultural education, sustainability, decoloniality, indigenous, inclusive education.

Resumo

No quadriênio **2014-2017**, o **processo de pesquisa-ação institucional realizado** no Instituto Federal Catarinense articulou-se com a rede de pesquisas Mover no âmbito do presente projeto PQ/CNPq, promovendo o apoio à formação e à consolidação de grupos de pesquisa do IFC, o fortalecimento da educação continuada de pesquisadores, bem como o estímulo à publicação e o estabelecimento de parcerias com institutos, universidades e centros de pesquisas nacionais ou internacionais, sustentando a elaboração do projeto de criação do Programa de Mestrado em Educação e Sustentabilidade. Tal processo evidenciou a relevância e originalidade epistêmica e sociocultural da perspectiva crítica e decolonial. Do ponto de vista epistemológico, a mobilização de formas decoloniais de poder e de saber, bem como de ser e de viver, promove a construção de estratégias socioculturais, científicas e tecnológicas importantes para garantir a convivência de todos os seres humanos e da biodiversidade, para além de dispositivos hegemônicos de dominação sociocultural e de destruição sistemática da natureza. Do ponto de vista pedagógico-institucional criativo, a formação de pesquisadores e a produção bibliográfica, bem como as atividades de gestão e de cooperação científica internacional realizadas, consolidaram a liderança da RedeMover de cooperação científica internacional no campo de pesquisas interculturais na área da Educação, tornando possível prospectar e convocar uma nova etapa de pesquisa em rede capaz de explorar novas fronteiras científicas, o que justifica a elevação de nível para Pesquisador CNPq 1A.

O projeto PQ/CNPq proposto para o período 2018-2022 visa estudar as cosmovisões de povos originários do hemisfério sul, relacionadas com a concepção de “bem-viver”, em suas implicações decoloniais e não-coloniais para a construção de políticas de sustentabilidade, bem como de propostas e práticas inovadoras de educação intercultural e inclusiva. Alavancado pela rede de cooperação científica intercultural e internacional construída ao longo das últimas duas décadas, contando com o apoio institucional do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC) e do Griffith Institute for Educational Research (GRIER), a presente proposta está sendo erigida como um processo sociopéutico de pesquisa, congregando em rede pesquisadoras e pesquisadores, bem como mediadoras e mediadores interculturais ligados a povos originários do Brasil, América Latina, Austrália e África. Estudos de revisão bibliográfica permitirão fundamentar os processos de pesquisa em cooperação com os diferentes parceiros e interlocutores, bem como as entrevis-

tas com mediadores interculturais e movimentos organizados de povos originários, atividades estas que serão compartilhadas mediante intercâmbio interinstitucional ou seminários presenciais e virtuais. Os resultados do processo de pesquisa serão veiculados mediante publicações científicas e produtos de divulgação em rede virtual, contribuindo para o avanço das pesquisas relacionadas com a interculturalidade crítica na área de educação, para a cooperação científica interinstitucional e internacional, para o estreitamento da interação entre universidades e movimentos sociais de povos originários, bem como para a construção de políticas interculturais de sustentabilidade e de práticas que fomentem a integração e empoderamento das culturas e povos originários.

Sumário

Dados do Projeto e do Proponente	1
Resumo	2
Siglas	5
“Pesquisar, para quê?”	6
I. Introdução	6
II. Contextualização do problema	8
1. Os povos originários e a colonização do Brasil.....	8
2. O que estamos aprendendo com os povos originários	10
3. O bem-viver e a sustentabilidade.....	11
4. Aprender a educar com os povos indígenas	15
5. Ampliar a pesquisa intercultural junto aos povos originários do Sul	18
III. Enunciação do Problema	19
IV. Originalidade, relevância e viabilidade da proposta	22
“Outros mundos possíveis”	25
V. Plano de Trabalho	25
1. Objetivo	25
2. Objetivos específicos (metas e prazos)	25
3. Ações de produção e cooperação científicas	26
4. <i>Cronograma</i> (esquema visual)	27
“O caminho se faz ao andar”	28
VI. Metodologia	28
“Olha com quem andas e ...”	30
VII. Equipe de pesquisa em rede	30
“Pesquisar para transformar”	34
VIII. Resultados e Impactos Esperados	34
“No caminho tinha uma pedra...”	36
IX. Riscos e oportunidades	36
X. Referências Bibliográficas	37
XI. ANEXO: Declarações de apoio institucional	42

Siglas

ANPEd	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação
CAOI	Coordinadora Andina de Organizaciones Indígenas
CES	Centro de Estudos Sociais (Universidade de Coimbra)
CMN	Confederación Mapuce de Neuquén
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COEDUC/UFMT	Grupo de Pesquisa Corpo Educação e Cultura da Universidade Federal do Mato Grosso
CUSP	Curtin University Sustainability Policies Institute
DECIDe	Núcleo de estudos sobre Democracia, Cidadania e Direito (Universidade de Coimbra)
GEPDETAM	Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Educação e Trabalho na Amazônia
GRIER	Griffith Institute for Educational Research
GU	Griffith University
IFC	Instituto Federal Catarinense
IIRSA	Integração da Infraestrutura Regional Sul Americana
NEP	Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (UEPA)
OIIIPE	Observatório Internacional sobre Interculturalidade, Inclusão e Inovação Pedagógica
PAC	Programa de Aceleração do Crescimento
PPGICH	Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC)
PQ/CNPq	Bolsa de Produtividade Científica (CNPq)
PUCSP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RedeMover	Rede Mover de Pesquisas, liderada pelo Grupo de Pesquisa “Educação Intercultural e Movimentos Sociais”(CNPq/UFSC)
UA	Universidad de Antioquia
UCDB	Universidade Católica Dom Bosco
UEM	Universidade Eduardo Mondlane
UEPA	Universidade Estadual do Pará
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNCOMA	Universidad Nacional del Comahue
UNICAMP	Universidade de Campinas
Unijuí	Universidade de Ijuí
UNIMEP	Universidade Metodista de Piracicaba
UNIVR	Università di Verona
UQ	The University of Queensland
VEPOP-SUS	Projeto de Pesquisa e Extensão “Vivências de Extensão em Educação Popular e Saúde no Sistema Único de Saúde”

“Pesquisar, para quê?”

I. Introdução

Na década de 1990, Victor Valla (1994) apontava “a dificuldade que os profissionais e intelectuais têm de compreender o que as classes populares estão querendo lhes dizer”. Com efeito, os modelos de interpretação e condução da educação popular – no contexto brasileiro de amplas mobilizações sociais e culturais dos anos 1960, ou no contexto de resistência à ditadura dos anos 1970, ou então nos processos massivos de luta pela redemocratização política dos anos 1980 – foram colocados em questão nos anos 1990. O que aparecia como *crise dos movimentos sociais* passou a ser percebido como *crise dos modelos de conhecimento* a partir dos quais os intelectuais, profissionais e militantes têm buscado entender a realidade dos movimentos sociais.

No atual contexto brasileiro de crise econômico-política e social, torna-se pertinente refletir em que sentidos os líderes e políticos, profissionais e intelectuais têm de “compreender o que os diferentes sujeitos populares estão querendo lhes dizer”. E esta reflexão será tanto mais crítica e radical quanto mais dialogar com os grupos populares que mais têm sofrido os processos de exploração, exclusão e subalternização ao longo de nossa história. Neste sentido, temos muito a aprender com os povos originários, que há cinco séculos vêm resistindo aos genocidas processos de colonização.

Segundo o alerta de Eduardo Viveiros de Castro (*apud* FERRAZ, 2014), “O encontro com o mundo índio nos leva para o futuro, não para o passado (...). Os índios têm muito a colaborar para um país mais democrático e diverso”.

Boaventura de Sousa Santos também nos convida a “aprender que existe o Sul; aprender a ir para o Sul; aprender a partir do Sul e com o Sul” (SANTOS, 1995, p. 508). O “Sul” metaforicamente indica um campo de desafios epistêmicos emergentes das relações coloniais estabelecidas historicamente entre a Europa Moderna e outros povos, bem como pelas relações de exploração, dominação e subalternização entre diferentes grupos sociais, seja nas metrópoles europeias, seja nas próprias nações colonizadas. Nesta direção, as epistemologias do Sul são constituídas pelo conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão de muitas formas de saber próprias dos povos e/ou nações colonizados, “valorizam os saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos” (SANTOS; MENEZES, 2010, p. 13).

Entretanto, este processo de diálogo intercultural com os povos originários “do sul” não é um processo simples, justamente porque tem se consolidado historicamente no mundo ocidental um sistema de relações coloniais e neocoloniais que vem resultando no extermínio ou subjugação de povos ancestrais, bem como de suas epistemologias¹. O diálogo crítico e a cooperação intercultural sustentável com os povos originários implicaria em um projeto político, social, ético e epistêmico necessariamente decolonial² (WALSH, 2012). Decolonizar significa compreender e confrontar a matriz do poder colonial, que historicamente vincula a ideia de “raça”, como um critério de classificação e controle social, com o desenvolvimento do capitalismo global (moderno, colonial, eurocêntrico), iniciado como parte da formação histórica da América (QUIJANO, 2000, p. 342).

Para além da crítica decolonial, a interculturalidade crítica aponta para o empoderamento de uma perspectiva “não-colonial”.

O não-colonial refere-se à geração, aspiração e dinamização de saberes-fazeres inspirados no pensamento crítico latino-americano (...) compartilha com o decolonial o ponto de partida da consciência do estado de colonialidade e da sua total rejeição. Mas (...) *distinto* do colonial, o não-colonial é aqui entendido como uma afirmação autodeterminada e criativa da consciência crítica e de todas as suas dimensões humanas. (...). Isto faz com que se concentrem os esforços prioritariamente na imaginação epistêmica para a auto constituição e constituição coletiva de contextos sociais, culturais, políticos, da sensibilidade diferentes, e não apenas na refutação dialética dos padrões dominantes. (VALENCIA, 2015, p. 12, nota 2 - *tradução e seleção nossa*³)

¹ “Epistemologia é toda a noção ou ideia, reflectida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido. É por via do conhecimento válido que uma dada experiência social se torna intencional e inteligível. Não há, pois, conhecimento sem práticas e actores sociais. E como umas e outros não existem senão no interior de relações sociais, diferentes tipos de relações sociais podem dar origem a diferentes epistemologias” (SANTOS; MENEZES, 2010, p. 9). A dimensão ideológica e valorativa do conhecimento se sustenta pelas próprias estruturas lógicas de conexão dos conceitos e de concatenação da argumentação constitutivas dos discursos nos diferentes contextos culturais. Neste sentido lógico, metanarrativo, a epistemologia é entendida como “um conjunto de premissas que sustentam nossos modos de fazer distinções, de segmentar os eventos, de dar sentido ao mundo” (BATESON, 1972, 1979).

² O uso do termo “decolonial” ao invés de “descolonial” sinaliza a adesão à proposta político-teórica de Walsh (2013) partilhada também por autores brasileiros.

³ “Lo no-colonial refiere a la generación, auspicio y dinamización de saberes-haceres inspirados en el pensamiento crítico latino-americano y del Sur Global que encara los retos civilizatorios actuales y de la investigación, con una actitud imaginativa-creativa. En este sentido comparte con lo decolonial el punto de partida de la conciencia de estado de colonialidad y su total rechazo, pero se diferencia de algunas de sus versiones, para las cuales, la actitud y sus esfuerzos se concentran en una analítica crítica de lo colonial, en términos de refutación, socavamiento, rechazo y desprendimiento. Dis-tinto de ello, lo no-colonial se entiende aquí, como una afirmación autodeterminada y creativa de la conciencia crítica y de todas sus dimensiones de humanidad; para lo cual se concentra más que en desprenderse –de..., en prenderse –de... la construcción de lo propio, esto

A perspectiva não-colonial potencializa e ultrapassa o esforço de crítica e de desconstrução da colonialidade no âmbito das sociedades ocidentais hegemônicas. Na perspectiva não-colonial, os métodos, os povos e as terras indígenas têm um papel protagonista para promover os processos de decolonização. Mas

o futuro é um ‘desconhecido tangível’, uma constante (re)negociação de poder, lugar, identidade e soberania. Nestas contestações, a decolonização e a Indigeneidade não são meramente reativas, nem se encontram em relação binária com o poder colonial. A decolonização é de fato oposição às formas coloniais de pensar e agir, mas exige um ponto de partida indígena e uma articulação dos significados dos processos de decolonização para os diferentes povos indígenas em todo o mundo. (SIUM; DESAI; RITSKES, 2012, p. I - *tradução nossa* ⁴)

Assim, a escuta epistêmica das cosmovisões ancestrais não-coloniais, mediante a interação dialógica com os povos originários, é a condição para que possamos desconstruir a colonialidade e aprender com os povos ancestrais a empoderar formas não-coloniais de saber e poder, de ser e viver (FLEURI, 2013).

II. Contextualização do problema

1. Os povos originários e a colonização do Brasil

A colonização do Brasil produziu um processo de genocídio dos povos originários, de destruição de seus territórios ancestrais, bem como de ocultamento ou esquecimento de suas ricas e variadas culturas ancestrais. Uma população autóctone estimada em quatro mi-

determina que se concentren los esfuerzos más en la imaginación epistémica para la autoconstitución y constitución colectiva de escenarios sociales, culturales, políticos, de la sensibilidad otros, que en la refutación dialéctica de los patrones dominantes.

“La reconfiguración total de los estilos de vida que ha producido el modelo civilizatorio vigente, como parte de una total y distinta cosmovisión centrada en relaciones fraternas con la naturaleza, exige la puesta en marcha constante de la *utopística* como recurso metodológico-técnico de creación de nuevos lugares sociales y de pensamiento; la traducción, la seducción y el convencimiento como movilizadores persuasivos en la tramitación de los conflictos; la puesta en práctica de la analéctica y todas las formas de pensamiento analógico como racionalidades comunicativas a fin de potenciar más lo que nos une que lo que nos separa, y el sagrado goce de la vida como corazón de todo el proceso. Esta vivencia de la energía vital y espiritual, así concebida, postula lo no-colonial como *ethos* y práctica canalizadora y combustible necesario en la trayectoria histórica y vital de la realización efectiva de una posible *re-existencia transmoderna*”. (VALENCIA, 2015, p. 21, nota 2)

⁴ “the future is a ‘tangible unknown’, a constant (re)negotiating of power, place, identity and sovereignty. In these contestations, decolonization and Indigeneity are not merely reactionary nor in a binary relationship with colonial power. Decolonization is indeed oppositional to colonial ways of thinking and acting but demands an Indigenous starting point and an articulation of what decolonization means for Indigenous peoples around the globe”. (SIUM; DESAI; RITSKES, 2012, p. I)

lhões de pessoas há cinco séculos, hoje está reduzida a cerca de novecentos mil pessoas, menos de meio por cento do conjunto dos atuais 210 milhões de cidadãos brasileiros.

De cerca de hum mil etnias originárias no século XVI, ainda resistem no território brasileiro, no século XXI, cerca de 305 pequenos grupos étnicos falantes de 274 línguas aborígenes, não eurodescentes (BRASIL, 2011). Os maiores povos originários do Brasil, com população entre 50 e 10 mil pessoas, são o povo Tikuna, do Amazonas, Guarani Kaiowá, do Mato Grosso do Sul, Kaingang, presente nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além dos povos Makuxi, Terena, Tenetehara, Yanomami, Potiguara, Pataxó, Sateré-mawé, Mundurukú, Múra, Xucuru, Baré, Pankararú, Kokama, Wapixana, Kayapó, Xacriabá.

Os processos de resistência e resiliência sociocultural dos povos originários são muito diferenciados. Mas buscam construir certas articulações de lutas, a partir de suas perspectivas etnoculturais, no continente das Américas. A expressão *Abya Yala* (que significa, na língua do povo Kuna, “terra em sua plena maturidade”) vem sendo cada vez mais usada pelos povos originários do continente ameríndio, objetivando construir um sentimento de unidade e pertencimento os povos ancestrais submetidos historicamente à colonização ibérica. Da mesma forma, os Guarani, juntamente com os diferentes povos indígenas brasileiros, resgatam a nação Pindorama e sua cultura Tekó Porã, contrapondo-se ao estereótipo de “índio”, que lhes foi atribuído pelos colonizadores portugueses. Pindorama (etimologicamente, em Guarani, significa “região das palmeiras”) é uma designação para o local mítico dos povos tupi-guarani, que seria uma terra livre dos males. (CLASTRES, 1978)

A interação destes povos com a sociedade nacional no Brasil, bem como os outros estados latino-americanos, é extremamente complexa e apresenta profundos desafios interculturais.

Vários autores vêm desenvolvendo estudos em perspectivas decoloniais e não-coloniais⁵. Por exemplo, Jorge Gasché (2012), convivendo com povos ribeirinhos e indígenas da Amazônia peruana, compreendeu que estas comunidades não têm vocabulário para expressar na língua castelhana ou portuguesa os valores implícitos nas condutas cotidianas dos povos da floresta e, por isso, não conseguem reivindicar seus valores identitários em

⁵ Conferir artigos publicados nas Revistas ESPAÇO PEDAGÓGICO, 2010; VISÃO GLOBAL, 2010; 2012; REVISTA PEDAGÓGICA, 2012; EM ABERTO, 2014; LINHAS, no prelo.

contraste com os valores sociais urbanos e capitalistas. Gasché propõe uma metodologia de trabalho educacional para ajudar essas comunidades a explicitar e identificar seus valores, nomeando-os na língua dominantes, de modo que possam identificar as diferenças, e fazer suas escolhas.

Jacques Gauthier compartilha a compreensão de que os oprimidos possuem conhecimentos desconhecidos por outros grupos culturais, mas que podem ser explicitados mediante o diálogo intercultural. Cada grupo (acadêmico ou popular) mostra ao outro o que ele não vê e não pode ver. O “conceito de *dialogicidade* expressa essa dupla necessidade de uma escuta sensível mútua e de uma crítica mútua das ilusões e cegueiras de antes das rupturas epistemológicas”. (GAUTHIER, 2011, p. 49)

Com esta disposição é que nos perguntamos – desde uma atitude crítica em relação à matriz epistemológica colonial constitutiva de formação científica eurodescendente (CIMA, 2012; MURACA, 2015) – o que estamos aprendendo no diálogo intercultural com os povos originários de Abya Yala e Pindorama? (cf. FLEURI, 2017a)

2. O que estamos aprendendo com os povos originários

Os genocídios dos povos ancestrais na América Latina constituem uma dimensão paradoxal do processo de globalização do sistema mundo moderno-colonial que, ao implantar e expandir o modo de produção capitalista mediante a exploração dos recursos da natureza e submissão dos trabalhadores, vem promovendo a destruição sistemática dos ecossistemas, bem como dos seus guardiões ancestrais, entre os quais os povos e as culturas originárias. Assim, neste contexto trágico, torna-se absolutamente necessário aprender com os povos originários ancestrais modos de vida que tornem sustentável a convivência planetária, inclusive para as futuras gerações dos seres humanos e das diferentes espécies de seres vivos que necessitam cuidar da “Mãe Terra”, para que esta possa continuar a nutri-los.

O diálogo intercultural crítico com os povos originários implica em desconstruir os processos e princípios coloniais e em promover a construção de modos não-coloniais de ser e viver, bem como de poder e saber. Decolonizar implica um projeto intencional e processo contínuo e insurgente de diálogo e cooperação intercultural, que reinvente modos de vida não-coloniais.

3. O bem-viver e a sustentabilidade

Hoje os povos indígenas são mais vulneráveis do que nunca, frente à ofensiva dos proprietários de terra e dos grandes projetos econômicos, bem como de projetos políticos que cerceiam os processos de demarcação e autonomia dos territórios indígenas.

A iniciativa voltada para o mercado internacional atende à expectativa de poderosas corporações econômicas, sobretudo transnacionais, nas áreas da mineração, de petróleo e gás, de monocultivos da soja, da cana de açúcar, da pecuária, da celulose, produção de agrocombustível, exploração madeireira e demais recursos naturais. Também se beneficiam as grandes empresas construtoras, que doam generosas quantias em dinheiro para abastecer os caixas de campanha eleitoral dos partidos políticos, com a certeza de que receberão tudo de volta, em dobro. Fazem parte da carteira de projetos da IIRSA (Integração da Infraestrutura Regional Sul Americana), que aqui no Brasil integram o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) a construção de hidrelétricas, linhas de transmissão, estradas, ferrovias, hidrovias, portos e aeroportos, sistemas de comunicação.

A IIRSA traz no seu bojo uma concepção de desenvolvimento, entendido como crescimento econômico, a partir da super-exploração dos recursos naturais e alimentando padrões insustentáveis de consumo, para assegurar a acumulação capitalista. (HECK et al., 2012, p. 25)

Os povos indígenas, que a partir de sua experiência milenar estabeleceram uma relação harmônica com a terra, questionam duramente essa lógica predatória:

Somos filhos da “Pachamama”, não seus donos, nem dominadores, vendedores ou destruidores. Nossa vida depende dela e por isso desde milênios construímos nossas próprias formas do mal-chamado “desenvolvimento”, o Sumaq Kawsay/ Sumaq Qa-maña. Nosso Bem-viver como alternativa legítima de bem-estar em equilíbrio com a natureza e espiritualidade está longe da IIRSA, que nos quer converter em territórios “de trânsito” de mercadorias, buracos da mineração e rios poluídos de petróleo (Resolución de Pueblos Indígenas sobre el IIRSA, CAOI – Coordinadora Andina de Organizaciones Indígenas, La Paz, 19/01/08. *Apud* HECK et al., 2012, p. 25).

Esta visão de mundo fundamenta a concepção de “bem-viver”: “buen vivir”, em espanhol, “Sumak Kawsai” em Quéchua; “Suma Qa-maña” em Aymara; “Kvme Felen”, em Mapuche, “Tekó Porã”, em Guarani. De modo geral, significa “a boa maneira de ser e viver”, ou seja, viver em aprendizado e convivência com a natureza. Esta sabedoria, presente em todas as culturas ameríndias, nos leva a compreender que a relação entre todos os seres do planeta tem que ser encarada como uma relação social, entre sujeitos, em que cultura e natureza se fundem em humanidade.

a visão dos povos ancestrais indígenas irradia e afeta o meio ambiente global, promovendo um paradigma, um dos mais antigos: o "paradigma comunitário da cultura da vida para viver bem", baseado em um modo de vi-

ver refletido em uma prática cotidiana de respeito, harmonia e equilíbrio com tudo o que existe, entendendo que tudo na vida está interligado, é interdependente e está inter-relacionado. (MAMANI, 2010, p.11 – *tradução nossa* ⁶)

A maioria das culturas originárias brasileiras também entendem a Terra como Mãe. A Mãe protege e promove a vida mediante dádiva e reciprocidade. A natureza torna a vida humana possível. Por reciprocidade, os seres humanos são convidados a cuidar e proteger a natureza.

Há um bem-viver quando existe harmonia com a natureza e com os membros da comunidade, quando existe alimentação suficiente, saúde e tranquilidade, quando a “divina abundância” permite a economia da reciprocidade, o “jopói”, isto é, “mãos abertas” de um para o outro. (MELIÀ, 2013, p. 194)

Este modo de bem-viver em harmonia em sociedade e com a natureza encontra-se, de modos diferenciados, em vários povos e culturas ancestrais.

O povo Mapuche, na Patagônia, define seu sistema de vida, enfatizando a conexão da soberania do território com o equilíbrio da relação entre os seres humanos:

KVME FELEN é o sistema de vida do Povo Mapuce, o que significa *estar em equilíbrio consigo mesmo e com outros NEWEN*, por ser parte do WAJ MAPU. O KVME FELEN significa viver em harmonia com o IXOFIJ MOGEN, *retomando o AZ MAPU, os princípios ancestrais mapuche de ordem circular, holística e natural*; retomando a consciência de que a pessoa é um NEWEN mais em IXOFIJ MOGEN, nunca superior a ninguém, apenas com um papel diferente. *Dá a importância e a centralidade do território para a nossa identidade e visão de mundo*; nele se encontra a nossa origem, o nosso ser e a partir dele é que exercemos o nosso governo através do AZ MAPU, como um todo ordenado. Queremos Viver Bem, desde o que fomos ancestralmente e do que hoje consideramos necessário para o nosso povo. Isso significa que o KVME FELEN implica tanto em recuperar e fortalecer nosso KIMVN, RAKIZUAM, PIAM, WEWPIN, VLKANTUN, MAPUZUGUN e IXOFIJ MOGEN”. (CMN, 2010, p. 12 – *tradução e grifos nossos*⁷)

⁶ (...) desde la visión de los pueblos ancestrales indígenas-originarios, irradia y repercute en el entorno mundial, promoviendo un paradigma, uno de los más antiguos: el "paradigma comunitario de la cultura de la vida para vivir bien", sustentado en una forma de vivir reflejada en una práctica cotidiana de respeto, armonía y equilibrio con todo lo que existe, comprendiendo que en la vida todo está interconectado, es interdependiente y está interrelacionado. (MAMANI, 2010, p.11)

⁷ KVME FELEN es el sistema de vida del Pueblo Mapuce, que significa *estar en equilibrio con uno mismo y con los demás NEWEN*, por ser parte del WAJ MAPU. El KVME FELEN es vivir en armonía desde el IXOFIJ MOGEN, *retomando el AZ MAPU, los principios ancestrales mapuche de ordenamiento circular, holístico y natural*; retomando la consciencia de que la persona es un NEWEN más en el IXOFIJ MOGEN, nunca superior a ninguno, sólo con un rol diferente. De ahí la *importancia y centralidad del territorio para nuestra identidad y cosmovisión*; en él radica nuestro origen, nuestro ser y desde él es que ejercemos nuestro

Nesta perspectiva holística, os povos originários andinos reconhecem a importância basilar da Terra, da Natureza, com ser vivo e pessoa, gerador da vida e das culturas humanas. Conforme disseram em 1971 os dirigentes indígenas no Congreso de la Asociación Nacional de Usuarios Campesinos - ANUC, Colômbia, “La tierra es persona, es nuestra Mamá que nos protege y nos da las alegrías en el arte, en la música, en los rituales y en las tristezas que nos ocasiona la vida” (GREEN, 2006, p. 131-141).

Estes traços de cosmovisões ancestrais de povos ancestrais da Ameríndia apresentam indícios de princípios epistemológicos semelhantes em povos originários de outros continentes, como entre os povos aborígenes australianos, que também foram historicamente submetidos a diferentes processos de colonização.

Com efeito, Irene Watson, autora pertencente aos povos Tanganekald e Meintangk, aborígenes do sul da Austrália, explica como a busca de escrever sobre sua história e seu contexto lhe permitiu escapar do molde colonial que havia transformado completamente a vida de seu povo. “Nós vivemos e assumimos nossa voz, na luta por decolonizar o projeto colonial” (WATSON, 2015, p. 23 - *tradução nossa*⁸). Os povos indígenas veem e vivem a terra como um ser relacional, sustentado em relações de reciprocidade e responsabilidade. “Nós vivemos como parte integrante do mundo natural; somos o mundo natural. O mundo natural é nós. Não tomamos do ambiente mais do que é necessário para sustentar a vida; Nós nutrimos a natureza tal como a nós mesmos” (WATSON, 2015, p.15 - *tradução sua*⁹). Essa visão da terra, essa noção de uma unidade existencial que as pessoas compartilham com todos os elementos naturais é uma filosofia relacional que encontramos entre muitos povos indígenas do mundo, como as cosmovisões do "bem-viver" dos povos de Abya Yala.

Watson indica alguns fundamentos de saberes indígenas – “obrigações de reciclar a terra, equilíbrio e renovação, pensamento lateral, consenso, reciprocidade, justiça, harmonia,

gobierno a través del AZ MAPU, como un todo ordenado. Queremos Vivir Bien, desde lo que fuimos ancestralmente y desde lo que hoy consideramos necesario para nuestro pueblo. Esto significa que el KVME FELEN implica tanto recuperar como fortalecer nuestros KIMVN, RAKIZUAM, PIAM, WEWPIN, VLKANTUN, MAPUZUGUN e IXOFIJ MOGEN”. (CMN, 2010, p. 12)

⁸ “We live and have a voice, which is working to decolonize the colonial project”. (WATSON, 2015, p. 23)

⁹ “We live as a part of the natural world; we are in the natural world. The natural world is us. We take no more from the environment than is necessary to sustain life; we nurture ruwe as we do ourself”. (WATSON, 2015, p.15)

relação, tempo eterno” (WATSON, 2015, p.14 - *tradução nossa* ¹⁰) – bem diferente da cosmovisão europeia, fundada na “propriedade da terra, progresso, acumulação, controle, pensamento linear, patriarcado hierárquico, troca unidirecional, punição contraditória, binarismo, tempo linear ou mecânico”. (idem - *tradução nossa* ¹¹)

As visões de mundo indígenas implicam em um modo de vida sustentável. “Os conhecimentos indígenas, ao contrário dos europeus, implicam em obrigações e responsabilidades, como as obrigações de cuidado que vinculam o governar no presente à vida das gerações futuras”. (idem - *tradução nossa* ¹²)

Essa visão da vida e da natureza contrasta com as concepções de vida das culturas ocidentais eurocêntricas: a natureza é concebida como um objeto a ser dominado, apropriado e mercantilizado. A maneira moderno-europeia de ver o mundo justifica um processo de exploração predatória do ambiente, bem como a sua própria força de trabalho para realizar a acumulação privada de capital. Tal sistema encontra-se agora em profunda crise, assim como a cosmovisão e as ideologias que a justificam.

Entretanto, as cosmovisões ancestrais dos povos originários, ao integrar as dimensões biofísica, humana e espiritual, oferecem uma visão de mundo que pode contribuir para superar o impasse em que as culturas ocidentais e o sistema capitalista se encontram hoje, no que diz respeito à sustentabilidade da vida e do ecossistema no planeta.

Em suma, para além da concepção moderna euro descendente de oposição binária entre natureza e sociedade, o “bem-viver” – cultivado por povos da “Abya Yala”, assim como por povos originários de outros continentes – promove a relação milenar entre mundos biofísicos, humanos e espirituais que dá sustentação aos sistemas integrais de vida dos povos ancestrais. Revalorizar esta relação holística, tecida mediante práticas comunitárias dialógicas integradas com o mundo natural, é a condição que torna possível desconstruir a matriz racista e especista constitutiva das relações de poder colonial. Implica, de modo particular, reconfigurar as relações jurídico-políticas do Estado, para além da imposição do

¹⁰ “obligations to renew land, balance and renewal, lateral thinking, consensus, reciprocity, justice, harmony, relationships, eternal time”. (WATSON, 2015, p.14)

¹¹ “land ownership, progress, accumulation, control, linear thinking, hierarchical patriarchy, one-way exchange, adversarial punishment, binaries, linear or machine time”. (WATSON, 2015, p.14)

¹² “Indigenous knowledges, unlike those of Europe, carry obligations and responsibilities, such as custodial obligations to ruwe that bind future generations”. (WATSON, 2015, p.14)

nacionalismo monocultural. Implica em viabilizar a convivência intercultural valorizando as diferenças como potencializadoras de relações sociais críticas e criativas entre os diferentes sujeitos sociais e entre seus respectivos contextos culturais. Neste sentido é que países como a Bolívia e o Equador, impulsionados pelas lutas dos povos ancestrais, vêm incorporando em sua organização política de Estado os princípios do “bem-viver” dos direitos da “mãe-terra”.

Esta transformação política requer mudanças na própria matriz moderno-colonial de saber. Reconhecer a singularidade e relatividade das culturas e das ciências eurodescendentes, desconstruindo o mito de sua universalidade, é a condição para se reconhecer as racionalidades epistêmicas desenvolvidas historicamente por comunidades ancestrais e por movimentos populares, de modo a com eles estabelecer diálogos críticos e interação mutuamente enriquecedores.

4. Aprender a educar com os povos indígenas

Os povos indígenas brasileiros, em sua rica complexidade e diversidade, compartilham com a maioria das sociedades ancestrais ameríndias uma visão de mundo baseada no “bem-viver”, bem como uma visão educacional que enfatiza a autonomia pessoal e a participação comunitária. Estes valores trazem uma perspectiva educativa muito diferente da educação colonial forjada pela modernidade europeia.

Elie Benites (2002) disse que os colonizadores e, posteriormente, os missionários de diferentes credos e agentes governamentais desenvolveram junto às nações autóctones uma “educação de fora para dentro”, pautados no sistema escolar e catequético. Tal como Paulo Freire entende a “invasão cultural”, através da “educação bancária”. Tal processo educativo pressupõe que a educação se faça de uma pessoa para outra, de um grupo sociocultural para outro, como um processo de transmissão de seu modo de perceber e de significar o mundo, de tal modo que o outro o absorva e o reproduza da mesma forma. Ao contrário do processo de “educação de fora para dentro” – afirma Elie Benites – o povo Kaiowá-Guarani procura, hoje, desenvolver a “educação de dentro para fora”: “É como uma fonte tapada que, ao ser desobstruída, jorra água em abundância. A água que jorra é a reflexão. A reflexão que se apresenta como a capacidade de se repensar o seu projeto e sua relação com o mundo a longo prazo” (BENITES, 2002).

Esta perspectiva educacional dos povos indígenas tem sido muito pouco incorporada pelas políticas educacionais do Estado-Nação (MARÍN, 2010, p. 287-322). No Brasil, embora a Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 tenham dado passos importantes na formulação de princípios gerais visando a uma educação diferenciada, bilíngue e intercultural, esta legislação foi construída com base em escasso diálogo com os diferentes povos indígenas (MARCON, 2010, p. 97-118). Deste modo, nos contextos indígenas, as escolas foram estabelecidas com uma perspectiva colonial e doutrinária, em clara oposição à cultura dos antepassados, contribuindo para a destruição da coesão social nas famílias e nas comunidades indígenas (SIERRA et al., 2010, p. 219-252).

Os vínculos entre os povos originários com os Estados Nacionais seguem caminhos opostos dentro de um sistema judicial imposto, estranho e complicado. Povos autóctones são desalojados por processos de apropriação irregular das terras e de negação de seus direitos fundamentais. Não obstante, os povos indígenas procuram se inserir positivamente no sistema político, judicial, legislativo, cultural e social do Estado, tentando conviver e manter suas identidades como povos originários. Para isto, buscam o fortalecimento de suas identidades e de suas propriedades pela autogestão, assim como por práticas de relações interculturais. Por exemplo, assumem o manejo ambiental de Parques Nacionais, promovem a instalação de bairros interculturais para os setores indígenas e populares urbanos, desenvolvem políticas educativas próprias e interculturais na cidade e no campo, assim como a articulação com outros movimentos sociais. Neste sentido, Raúl Díaz e Jorgelina Villarreal (2010, p. 189-210), bem como Bóris Guzmán (2012, p. 87-118), desde o ponto de vista das lutas do povo Mapuche da Patagônia argentina e chilena, indicam a necessidade de se repensar o conceito de interculturalidade do ponto de vista “originário” e “comunitário”, tendo em vista a construção da sociedade democrática e intercultural.

Os povos indígenas, para promover e consolidar suas culturas ancestrais não-coloniais, confrontam-se com as lógicas coloniais e disciplinares da educação escolar orientadas para a transmissão e reprodução da cultura nacional representada pelo Estado monocultural. O enfrentamento desta contradição implica em desconstruir a colonialidade da cultura escolar, ao mesmo tempo que aprender com os povos indígenas estratégias educacionais não-coloniais.

Um dos educadores que desenvolvem princípios epistemo-pedagógicos aprendidos com culturas ancestrais indígenas é Paulo Freire. Mesmo que Paulo Freire tenha formulado

sua concepção pedagógica com as referências culturais de teorias críticas ocidentais, seu engajamento com os movimentos sociais populares ensejou a incorporação de perspectivas epistemológicas das culturas dos povos ancestrais da América Latina. Assim, se pode reconhecer os princípios do “bem-viver”, *Tekó Porã*, em sua metodologia didática dialógica, que se caracteriza pela cooperação e reciprocidade nas relações entre o educadores e educandos, favorecendo uma atmosfera de aceitação mútua, respeito, compreensão e comunicação entre diferentes sujeitos, na busca de compreensão e transformação dos contextos socioculturais e ambientais em que se constituem. Neste sentido, Paulo Freire apresenta uma concepção educacional decolonial que reforça a perspectiva não-colonial.

Por outro lado, desde o ponto de vista não-colonial das culturas ancestrais, somos convidados a reconfigurar a pedagogia crítica.

Assim, a educação entendida como processo dialógico de problematização e transformação das relações socioculturais desiguais e injustas, apresenta-se como um instrumento de luta política dos grupos sociais e étnicos subalternizados ou excluídos no processo de colonização. Mas as lutas sociopolíticas conduzidas em parceria com os povos ancestrais radicalizam os projetos de transformação social para além dos limites do Estado-Nação e do antropocentrismo, criando perspectivas de organização política que sustentem as diferenças culturais e socioambientais, bem como os direitos da natureza.

Na proposta pedagógica de Paulo Freire, os “círculos de cultura” apresentam-se como uma estratégia educacional para favorecer o diálogo na comunidade sobre as contradições que enfrentam em seu contexto social, de modo a promover a organização política para superá-las. Nesta direção, com as culturas indígenas, aprende-se que as lutas sociais e políticas não se restringem a mudanças no âmbito do sistema mundo moderno-colonial, mas se busca reconstruir as relações sociais na perspectiva inter-transcultural (GAUTHIER, 2011; PADILHA, 2004).

Por conseguinte, o diálogo problematizador a partir dos “temas geradores” pode ultrapassar o enfoque econômico-político dos processos de opressão e dominação, questionando seus fundamentos epistêmicos da moderno-coloniais. O diálogo crítico entre as culturas ancestrais pode permitir processos transculturais e não apenas as pessoas “se educam em comunhão, mediatizadas pelo mundo” (FREIRE, 1975, p. 79) mas também *os povos e suas culturas se transformam, mediatizadas pela relação entre as pessoas.*

5. Ampliar a pesquisa intercultural junto aos povos originários do Sul

Através de um diálogo intercultural crítico com os povos indígenas, podemos aprender com suas cosmologias a promover projetos decoloniais e não-coloniais no campo educacional e fortalecer os movimentos políticos sociais em suas lutas por construir modos de vida sustentáveis no mundo contemporâneo. Esse é o objetivo do presente projeto de pesquisa.

Este projeto, tal como já enunciamos de início, “exige um ponto de partida indígena e uma articulação dos significados dos processos de decolonização para os diferentes povos indígenas em todo o mundo”. (SIUM; DESAI; RITSKES, 2012)

Nessa perspectiva, priorizamos o diálogo com diferentes povos originários “do sul”. Sul, no sentido epistêmico, cultural e geopolítico. Consideramos particularmente os povos que, submetidos a processos coloniais, lutam por manter, empoderar ou reinventar suas epistemologias não-coloniais. São culturas que mantêm vínculos com suas origens ancestrais, mesmo em situações de diáspora, de miscigenação ou interculturalização. São povos e populações que se estabelecem em continentes e regiões historicamente colonizados do hemisfério sul das Américas, da África e da Austrália, e também os grupos étnicos e socioculturais subalternizados em diferentes contextos do mundo atual.

A construção do presente processo de pesquisa se fundamenta, transreferencialmente, na conexão entre os diferentes processos de estudos desenvolvidos pelos pesquisadores colaboradores em seus respectivos contextos socioculturais, começando pelo contexto brasileiro e ampliando sua interação com parceiros da América Latina, Austrália e África.

No Brasil, as conexões iniciais estão sendo estabelecidas com colegas que trabalham com os povos indígenas da Amazônia e do Centro-Oeste brasileiro. Na América Latina, de modo especial, com os povos originários da região Andina e da Patagônia. Buscaremos também consolidar e estender a cooperação que já vimos construindo com parceiros e interlocutores da Austrália, no sentido de estudar as conexões epistêmicas entre cosmologias de povos ancestrais ameríndios e cosmologias de povos aborígenes australianos. E mais recentemente iniciamos a articulação, no âmbito deste projeto de pesquisa, com parceiros do continente africano. Esta interlocução é motivada em grande parte pelos vínculos históricos, culturais e epistêmicos que os diferentes grupos afrodescendentes latino-americanos com povos originários africanos.

Promover a sustentabilidade da vida em âmbito planetário é uma forte razão para aprender com os povos originários seus modos de bem-viver. Isso implica em decolonizar o conhecimento e o poder, o ser e o viver na sociedade contemporânea. E estamos apostando que esse processo só pode se realizar na medida em que as culturas indígenas empoderem seus modos não-coloniais de ser e de viver e sirvam de apoio para sustentar processos socio-culturais decoloniais. Isso justifica nossa proposta de incentivar a educação intercultural baseada no diálogo entre os povos e culturas originárias do sul do mundo.

III. Enunciação do Problema

Discussão preliminar do conceito de “problema”

O conceito de “problema” não se restringe aos de “questão”, “enigma”, “dificuldade”, “dúvida”, mesmo que requeira informações complexas ou a solução de enigmas e dúvidas. O termo “problema” indica uma necessidade que o ser humano enuncia e assume na sua interação com o ambiente em que vive. “Problema (...) indica uma situação de impasse. Trata-se de uma necessidade que se impõe objetivamente e é assumida subjetivamente. (SAVIANI, 1980, p. 23)

Na perspectiva da lógica dialética, a “necessidade” constitutiva do “problema” indica a “contradição, não-latente, porém em sua mais alta tensão, no momento mesmo da crise e do salto, quando a contradição tende para a solução objetivamente implícita no devir que a atravessa” (LEFEBVRE, 1975, p. 239). A contradição representa a complexidade do devir. “O movimento real, com efeito, implica essas diversas determinações: continuidade e descontinuidade; aparecimento e choque de contradições; saltos qualitativos; superação. (...) Os aspectos do devir são *igualmente objetivos* e indissolúvelmente ligados no próprio devir. (idem, p. 240)

Assim entendida, a lógica dialética aponta para formas complexas e multidimensionais de se representar discursivamente o mundo¹³, que implicam diferentes epistemologias,

¹³ Sob a perspectiva linguística, Michel Serres (1994) afirma que existe uma filosofia virtual em cada preposição da nossa língua. Assim, existe uma filosofia da *transcendência* na preposição "sobre", da *substância e do sujeito* em "sob", da *interação entre o mundo e o eu* em "dentro", da *Comunicação e do contrato* em "com", da *tradução* em "através de", das *interferências* em "entre", da *passagem* em "por", da *parasitagem* em "ao lado de" e do *distanciamento* em "fora" (SERRES, 1994). Podemos, reinterpretando e ampliando os princípios da lógica dialética, entender que as conexões constitutivas do devir se configuram não apenas por oposição ou composição (contradição), mas simultaneamente nos desafiam a explorar também outros dispositivos relacionais como os de “super-posição, sub-posição, ante-posição, pos-posição, trans-posição, pro-posição, contra-

ou seja, de premissas que sustentam nossos modos de fazer distinções, de segmentar os eventos, de dar sentido ao mundo (BATESON, 1972, 1979) e que validam os conhecimentos constitutivos de cada cultura (SANTOS; MENEZES, 2010, p. 13).

Os tipos de distinção mais utilizados em nossas culturas moderno-coloniais são baseados na oposição: ou/ou. Esta forma de pensar nos leva fatalmente a escolher um polo, excluindo ou submetendo todos os outros. Mas, numa perspectiva epistemológica *complexa*, são propostas “premissas diferentes para nossos sistemas de distinção: uma epistemologia da conexão: e/e” (SEVERI; ZANELLI, 1990, p. 31). Neste contexto, as conexões “permitem às oposições de se diluírem; e isto não tanto porque as contradições desaparecem, mas porque se produzem mudanças, evoluções, que envolvem todos os membros em oposição” (idem, p. 32).

Trata-se, pois, de complexidades que se tecem juntas, desafiando-nos a trabalhar com a *incerteza* e com um *pensamento multidimensional*, um pensamento baseado, segundo Edgar Morin, na *dialógica*, que “significa que duas lógicas, duas 'naturezas', dois princípios são coligados em uma unidade sem que com isto a dualidade se dissolva na unidade” (MORIN, 1985, p. 57). Neste sentido, o “método da complexidade” nos orienta a “compreender a multidimensionalidade, a pensar com a singularidade, com a localidade, com a temporalidade, a jamais esquecer as totalidades integradoras”. (idem, p. 59-60)

A concepção complexa e multidimensional torna possível incorporar, no próprio processo de formulação e estudo do problema de pesquisa, diferentes lógicas desenvolvidas por culturas ancestrais dos povos originários, tal como os princípios da reciprocidade, da proporcionalidade, da correspondência e da complementariedade, que nutrem o comunitarismo, princípio e valor central que emana da matriz civilizatória milenar de Abya Yala (SARANGO, 2014).

Assim, para efeito da formulação do problema a ser estudado neste processo de pesquisa, estamos inicialmente assumindo o significado de “problema” como “necessidade constituída pelas contradições – que incluem conexões de oposição e composição, bem como de reciprocidade, proporcionalidade, correspondência e complementariedade – entre

posição, ex-posição, im-posição, re-posição, justa-posição, inter-posição...”. É preciso, ainda, considerar sempre múltiplos centros, múltiplos contextos e múltiplas relações, que envolvem diferentes sujeitos, também eles policentros, constitutivos dos contextos socioambientais.

diferentes contextos socioambientais, que mobilizam os sujeitos a promover processos de mudanças conjunturais e transformações estruturais constitutivas destes contextos.

Delimitação do problema de pesquisa

A contradição entre colonialidade e não-colonialidade tematiza o problema focalizado por este projeto de pesquisa. Nosso objetivo é estudar os processos histórico-sócio-culturais-educacionais coloniais e neocoloniais em confronto com os processos de resistência e resiliência dos povos originários, considerados em sua complexidade e polissemia histórica, buscando entender as estratégias decoloniais que vêm sendo construídas com o protagonismo destes povos e de seus múltiplos e heterogêneos movimentos socioculturais.

Os limiares entre as culturas dos diferentes povos originários ancestrais, bem como sua contradição com as cosmovisões coloniais hegemônicas no mundo contemporâneo, constituem fronteiras interculturais em que se colocam mutuamente em questão diferentes epistemologias. Tal confronto implica em riscos (de sujeição, exclusão, de genocídios, epistemicídios) ao mesmo que em oportunidades de recriação crítica e de empoderamento de identidades ancestrais e conexões de reciprocidade, de cooperação e de mútua aprendizagem entre diferentes grupos socioculturais. Essas conexões epistêmicas e culturais trazem implicações liminares radicais que podem favorecer a reconfiguração de concepções, políticas e práticas educacionais voltadas para a sustentabilidade da vida e da convivência planetária.

A construção de processos e estratégias decoloniais – como superação das contradições colonialidade/não-colonialidade emergentes na relação entre processos colonizadores e os de resistência por parte de sociedades e culturas originárias – é aqui priorizada como objeto de estudo particularmente sob três perspectivas: (1.) a tematização de princípios constitutivos de cosmovisões de povos originários, considerando a complexidade, a heterogeneidade e a transversalidade dos diferentes contextos históricos socioculturais ; (2.) a análise de suas implicações para a construção de políticas (estratégias de saber e de poder) de sustentabilidade (ou seja, para sustentar os modos de ser e de viver decoloniais e não-coloniais) e (3.) para a revisão crítica e reformulação de concepções e práticas educacionais, particularmente nos campos da interculturalidade, inovação e inclusão socioeducacional.

Para delimitar o campo de estudo, no âmbito desse projeto de pesquisa, priorizaremos primeiramente o estudo indiciário de cosmovisões não coloniais originárias e sincréticas da Amazônia, buscando estabelecer relações com as cosmovisões de Abya Yala entre povos originários andinos e da Patagônia. A complexidade da constituição étnica de povos

originários submetidos historicamente a diferentes processos coloniais exógenos e endógenos requer considerar as interações interétnicas e miscigenações interculturais particularmente entre os que mais sofreram o impacto de subalternização colonial, como os povos indígenas e afrodescendentes. Também será preciso considerar seus processos de resistência, resiliência e reinvenção em diferentes contextos urbanos, rurais e florestais.

Em segundo lugar, focalizaremos estudos exploratórios relativos à comparação e relação entre cosmovisões não coloniais latino-americanas e cosmovisões correlatas de povos originários australianos¹⁴. Possivelmente estes estudos no remeterão a conexões com cosmovisões não-coloniais de povos originários da África, Nova Zelândia e Américas, entre outros contextos socioculturais.

O direcionamento do processo e a delimitação dos focos da pesquisa será configurado progressivamente conforme as opções, o potencial e as limitações dos diferentes sujeitos (pesquisadores, mediadores e interlocutores) que efetivamente estão se envolvendo interativamente na pesquisa. Neste sentido, este processo se orientará metodologicamente pelos princípios da sociopoética que consideram o grupo como pesquisador, na medida em que cada sujeito assume papel ativo e protagonista na criação, gestão e apropriação de todas as dimensões e etapas do processo de pesquisa. Nesta direção, desenvolveremos (1.) estudos bibliográficos e debates (tendo como referência inicial os estudos decoloniais de crítica à modernidade/colonialidade) (2.) em cooperação científica com grupos de pesquisas que mantenham (3.) articulação orgânica com processos interculturais decoloniais promovidos junto com originários em seus respectivos contextos socioambientais.

IV. Originalidade, relevância e viabilidade da proposta

A originalidade e a relevância desta proposta reside principalmente em seu caráter de articulação de um processo de cooperação científica intercultural e internacional para problematizar a colonialidade inerente aos processos interculturais no mundo contemporâneo e empoderar iniciativas, estratégias e perspectivas de cooperação intercultural crítica decoloniais e não-coloniais.

Este projeto de pesquisa dará continuidade a processos de cooperação científica entre grupos de pesquisa, em âmbito brasileiro e internacional, que vem sendo promovido há

¹⁴ Estamos propondo realizar esta etapa do processo de pesquisa mediante Estágio Sênior previsto para se realizar no segundo semestre de 2018.

mais de uma década pela Rede de Pesquisas “Mover” liderada pelo Grupo de Pesquisa “Educação Intercultural e Movimentos Sociais” - CNPq/UFSC (cf. FLEURI, 2017b). Este trabalho implementará as relações de cooperação com pesquisadoras e pesquisadores que atuam em vários contextos no Brasil, na América Latina, na Austrália e na África, promovendo a construção de mediações de diálogo crítico e cooperação decolonial com lideranças, comunidades e movimentos socioculturais de povos originários, no sentido de contribuir para seu empoderamento e protagonismo sócio-cultural-político.

Do ponto de vista acadêmico e cultural, o processo cooperativo de estudos e debates mobilizados por este projeto resultará em produção bibliográfica e científica, bem como de divulgação em rede mundial (através da www.redemover.com.br) que contribuirá para a articulação de estudos do estado da arte e de produção de estudos críticos sobre a temática aqui focalizada, que servirão de referência para a formação de educadores, definição e defesa de políticas públicas, formulação e condução de projetos de ação sócio-culturais-ambientais inovadores no campo da sustentabilidade e da interculturalidade.

A viabilidade da execução deste projeto é sustentada, por um lado, pela RedeMover de pesquisas construída ao longo da trajetória de pesquisas do Núcleo Mover “Educação Intercultural e Movimentos Sociais” (CNPq/UFSC), que vem desenvolvendo diferentes atividades de cooperação científica com pesquisadores e grupos de pesquisa de diferentes regiões brasileiras, países da América Latina, bem como de universidades australianas e africanas. Por outro lado, o desenvolvimento dos estudos sobre as implicações decoloniais nos campos da Interculturalidade, Inclusão e Inovação Pedagógica é promovido pela articulação com o *Observatório Internacional de Interculturalidade, Inclusão e Inovação Pedagógica* (OIIIPe), uma rede de pesquisas liderada pelo Laboratório de Pesquisas, Estudos e Apoio à Participação e à Diversidade em Educação (<http://www.lapeade.com.br/>), da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A participação nesta rede oportuniza o desenvolvimento de pesquisas articuladas com outras 23 universidades e grupos de pesquisas nacionais e internacionais.

Estas redes de pesquisa contam com apoio institucional das universidades que sediam os grupos de pesquisa que as compõem. Este projeto conta com o apoio particularmente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH/UFSC), ao qual estamos vinculados como professor permanente. O PPGICH/UFSC, na avaliação trienal feita em 2013 pela CAPES, recebeu a nota 06 (seis), sendo um dos poucos cursos na área interdisciplinar – sociais e humanidades que mereceu esta nota.

Também contamos com o apoio institucional do Griffith Institute for Educational Research (GRIER), do qual participamos como professor honorário. O instituto GRIER (<https://www.griffith.edu.au/education/griffith-institute-educational-research/about-us>) é reconhecido como líder nacional e internacional na pesquisa educacional, principalmente em alfabetização, aprendizagem, políticas públicas e justiça social. Faz parte da Griffith University, classificada entre as 3% melhores universidades do mundo (325º. lugar).

Contamos com a parceria de colaboradores da pesquisa atuantes em diferentes contextos brasileiros e internacionais, particularmente na Colômbia, Argentina, Chile, Moçambique e Austrália, com possibilidade de ampliar a rede de pesquisa para outros contextos nacionais e internacionais pertinentes (cf. Equipe de Pesquisa em Rede, item VII adiante).

Em suma, a viabilidade e a importância institucional deste projeto se consolida por sua relevância e originalidade epistêmica e sociocultural, na medida em que avança numa perspectiva crítica e decolonial. Tal perspectiva pode ter efeitos sociopolíticos e ecológicos importantes. Pois, ao mobilizar formas decoloniais de poder, saber, ser e viver, promoverá a construção de estratégias socioculturais importantes para garantir a convivência de todos os seres humanos com a natureza e entre si, para além de dispositivos e de estruturas de dominação sociocultural e de destruição sistemática da natureza vigentes no atual contexto mundial. Reconhecer criticamente e potencializar dialogicamente a densidade e a originalidade das contribuições dos diferentes povos e grupos socioculturais de origens ancestrais, é condição de sobrevivência e de crescimento de todos. E isto pressupõe o desenvolvimento de processos interculturais decolonializantes. A *originalidade* deste trabalho, assim, está não só nos processos de estudo da produção científica atual, promovida por grupos de pesquisas avançadas, mas sobretudo pelas possibilidades de criação e transformação epistemológica e política a serem criadas pela interação e pelo debate crítico entre estes pesquisadores e mediadores interculturais.

“Outros mundos possíveis”

V. Plano de Trabalho

1. Objetivo

Estudar as visões de mundo de povos originários do sul, relacionadas com a concepção de “bem-viver”, em suas implicações decoloniais e não-coloniais para a construção de políticas de sustentabilidade, bem como de propostas e práticas inovadoras de educação intercultural e inclusiva.

2. Objetivos específicos (metas e prazos)

- 2.1. Realizar **estudos do estado da arte** relativo às cosmovisões relacionadas com a concepção de “bem-viver” dos povos indígenas e afrodescendentes da **América Latina e do Brasil**. Este trabalho se concentrará em 2018 e 2019, sendo atualizado periodicamente em 2020 e 2021;
- 2.2. Realizar **estudos do estado da arte** relativo às cosmovisões dos povos aborígenes da **Austrália**. Este trabalho se concentrará em 2018 durante Estágio Sênior a se realizar junto ao GRIER, Austrália, no período de julho a dezembro de 2018 (cf. Anexo) sendo atualizado e discutido em seminários periódicos nos anos seguintes;
- 2.3. Analisar **conexões** entre cosmovisões dos povos originários da Austrália, da América Latina e da África. Este trabalho se iniciará em 2019, será intensificado em 2020 e se concluirá em 2021;
- 2.4. **Estudar as implicações** das conexões entre cosmovisões originárias do sul para a formulação e manutenção de políticas decoloniais e não-coloniais de **sustentabilidade socioambiental**. Este trabalho se iniciará em 2019, será intensificado em 2020, possivelmente em parceria com o Curtin University Sustainability Policies Institute (CUSP), e se concluirá em 2021;
- 2.5. **Estudar** as implicações das cosmovisões originárias do sul para a **educação intercultural** nas perspectivas decoloniais e não-coloniais. Este trabalho se intensificará em 2019 em parceria com o OIIIPE e será mantido em conexão com as outras metas nos anos seguintes;

- 2.6. Estudar as implicações das cosmovisões originárias do sul para a formulação e sustentação de propostas e práticas inovadoras decoloniais e não-coloniais de **educação inclusiva**. Este trabalho se intensificará em 2019 em parceria com o OIIIPE e será mantido em conexão com as outras metas nos anos seguintes.

3. Ações de produção e cooperação científicas

- 3.1. **Revisão bibliográfica:** levantamento, seleção e estudo de referências bibliográficas relativas à concepção do “bem-viver” em suas conexões com a interculturalidade e sustentabilidade, desenvolvidas por povos originários da América Latina e da Austrália. Este estudo preliminar permitirá fundamentar os debates e estudos cooperativos com os diferentes parceiros de rede de pesquisa. Este trabalho se concentrará em 2018 e 2019, sendo atualizado periodicamente em 2020 e 2021.
- 3.2. **Entrevistas:** entrevistas semiestruturadas, a serem realizadas presencialmente ou por teleconferência, com pesquisadores e líderes de comunidades indígenas, para discutir questões relativas ao objeto da pesquisa. Registro, transcrição, edição, elaboração de produtos multimídia, tanto para divulgação, quanto para servir de referência para análises e debates em rede de pesquisas. As entrevistas serão realizadas em 2018, de acordo com as possibilidades e oportunidades construídas com os interlocutores selecionados.
- 3.3. **Debate:** Construção e realização de seminários presenciais e por teleconferência para discutir temas relativos aos objetivos da RedeMover de pesquisas, bem como para discutir e tomar decisões para a condução compartilhada do plano de trabalho conjunto. Prevê-se a realização de dois seminários ao ano, no período de 2018 a 2021.
- 3.4. **Intercâmbio:** Realização de estágios de intercâmbio e visitas técnicas entre as instituições e grupos de pesquisa parceiros em instituições parceiras na Austrália (A), Brasil (B) e América Latina (L), de acordo com programas de eventos e de atividades de cooperação científica a serem definidos segundo as oportunidades durante os anos de 2018 a 2021.
- 3.5. **Publicação:** Realização de produtos de divulgação (através do site www.redemover.com.br) e de publicações científicas (artigos, livros e núme-

ros especiais de revistas ou anais de eventos) dos resultados parciais ou conclusivos do processo integrado de pesquisas, durante os anos de 2018 a 2021.

4. Cronograma (esquema visual)

METAS	Ano	2018												2019												2020	
AÇÕES	Mês	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	01	02		
1. Meta: Estado da arte																											
a. Ameríndia		x	x	x	x		x	x	x	x				x	x	X	x		x	x	x	x					
b. Austrália			x			x	x	x	x	x				x	x	X	x	x						x			
c. Conexões																			x	x	x	x	x				
2. Meta: Análise implicações																											
d. Sustentabilidade														x			x		x					x			
e. Interculturalidade														x	x	X	x		x	x	x	x					
f. Educação inclusiva														x	x	X	x		x	x	x	x					
3. Atividades de Cooperação científica																											
a. Revisão bibliográfica		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x			x	x	X	x	x	x	x	x						
b. Entrevistas					x	x	x	x	x	x																	
c. Debate			x							x					x								x				
d. Intercâmbio			B		B	A	A	A	A	A	A			B		L		B		L	B	B					
e. Publicação						x						x	x					x						x			

METAS	Ano	2020												2021												2022	
AÇÕES	Mês	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	01	02		
1. Meta: Estado da arte																											
a. Ameríndia		x			x				x					x			x				x	x					
b. Austrália			x			x				x					x			x				x	x				
c. Conexões		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x			x	x	x	x		x	x	x	x	x				
2. Meta: Análise implicações																											
d. Sustentabilidade		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x			x			x					x	x				
e. Interculturalidade			x			x				x	x			x				x				x	x				
f. Educação inclusiva			x			x				x	x			x				x				x	x				
3. Atividades de Cooperação científica																											
a. Revisão bibliográfica																											
b. Entrevistas																											
c. Debate				x							x				x								x				
d. Intercâmbio			B		B	A	A	A	A	A	A			B		L		B		L	B	B					
e. Publicação						x						x						x						x	x		

“O caminho se faz ao andar”

VI. Metodologia

A proposta de pesquisa resulta da articulação de uma ampla rede internacional de pesquisadores e pesquisadoras. Inspira-se nos princípios da pesquisa sociopoética, ao propor um processo cooperativo de produção do conhecimento, em que todos os integrantes se constituem como co-pesquisadores (FLEURI; GAUTHIER; GRANDO, 2001, p. 7). Apoiase, ainda, na perspectiva da complexidade formulada por Gregory Bateson (1986). Tal concepção permite-nos entender: (1) que o processo de construção do conhecimento é constituído por pessoas que interagem; (2) que a interação é acionada pela diferença; (3) sendo esta produzida pela iniciativa concomitante de múltiplos sujeitos; (4) e que a diferença codificada produz novas diferenças, (5) em cadeias recursivas de informações, (6) segundo padrões de conjunto que constituem a singularidade de cada sujeito em relação. Neste sentido, o contexto relacional e cultural – produzido, sustentado e constantemente modificado pelas próprias pessoas em interação – configura os sentidos de cada ato, palavra ou informação elaborada pelas pessoas em relação.

Nesta direção, este projeto propõe as seguintes dimensões estratégicas (a serem evidentemente negociados com os parceiros ao longo desta caminhada).

A primeira dimensão deste processo de pesquisa consiste na sistematização e análises dos estudos que vêm sendo desenvolvidos pelos diferentes grupos de pesquisa articulados na RedeMover. Esta articulação se realizará tanto mediante a realização de um programa de seminários presenciais e/ou virtuais, quanto mediante visitas técnicas e seminários de trabalho, estágios e atividades de cooperação acadêmicas interinstitucionais e internacionais.

A segunda dimensão constitui-se na investigação propriamente dita, seja mediante estudos bibliográficos de estado da arte e de análise temática, seja mediante realização e análise de entrevistas com mediadores interculturais dos povos originários pesquisados. As análises das informações, de modo geral, seguirão princípios do método indiciário de pesquisa, que nos orienta a focalizar detalhes aparentemente “insignificantes”, tradicionalmente pouco observados, de modo a buscar encontrar nos fenômenos diminutos, no micro, estruturas que configuram o panorama macro de um contexto sociocultural. (cf. GINZBURG, 2009). Tal perspectiva metodológica pode ser articulada com o estudo sociológico das “au-

sências” e das “emergências”¹⁵. Neste sentido, a pesquisa terá também um caráter exploratório (TRIVIÑOS, 1987, p. 109), na medida em que buscaremos aumentar nossa experiência e conhecimento em torno do problema focalizado neste projeto, particularmente mediante a interação com pesquisadores, grupos e mediadores interculturais interessados em discutir, promover e articular processos decoloniais e não-coloniais promovidos por movimentos sociais de povos originários em diferentes contextos do sul do mundo. E pelo caráter de pesquisa intercultural em rede, o processo de estudo incorporará perspectivas teórico-metodológicas de análise multirreferencial, entendida “como uma leitura plural, sob diferentes ângulos, dos objetos que quer apreender, de acordo com sistemas de referência supostamente diferentes, não redutíveis entre si” (ARDOINO, 1991, p. 173 – *tradução nossa*¹⁶).

A terceira dimensão do processo de pesquisa se estabelecerá pela produção, editoração e publicação de artigos científicos em periódicos ou dossiês temáticos organizados pela RedeMover de pesquisadores, a exemplo dos dossiês publicados nas Revistas Visão Global (2010 e 2012), Espaço Pedagógico (2010), Revista Pedagógica (2012), Em Aberto, 2014, Linhas (2017, no prelo).

Assim, a presente proposta de pesquisa integrada articula-se metodologicamente em duas perspectivas: de um lado, mantendo o enfoque temático das implicações de cosmovi-sões de povos originários para políticas de sustentabilidade, interculturalidade e inclusão; de outro lado, conectando-se com diferentes projetos de pesquisas desenvolvidos por outros grupos de pesquisa parceiros que interagem na RedeMover de pesquisas.

¹⁵ “Enquanto a sociologia das ausências expande o domínio das experiências sociais já disponíveis, a sociologia das emergências expande o domínio das experiências sociais possíveis. As duas sociologias estão estreitamente associadas, visto que quanto mais experiências estiverem hoje disponíveis no mundo mais experiências são possíveis no futuro. Quanto mais ampla for a realidade credível, mais vasto é o campo dos sinais ou pistas credíveis e dos futuros possíveis e concretos. Quanto maior for a multiplicidade e diversidade das experiências disponíveis e possíveis (conhecimentos e agentes), maior será a expansão do presente e a contração do futuro. Na sociologia das ausências, essa multiplicação e diversificação ocorre pela via da ecologia dos saberes, dos tempos, das diferenças, das escalas e das produções, ao passo que a sociologia das emergências as revela por via da amplificação simbólica das pistas ou sinais”. (SANTOS, 2002, Parágrafo 57)

¹⁶ “Es necesario comprender el análisis multirreferencial, entendida como una lectura plural, bajo diferentes ángulos, de los objetos que quiere aprehender, en función de sistemas de referencias supuestamente distintos, no reductibles los unos a los otros”. (ARDOINO, 1991, p. 173)

“Olha com quem andas e ...”

VII. Equipe de pesquisa em rede

Entendemos que as “pessoas *pesquisam* em relação, mediatizadas pelo mundo”. Por isso, neste trabalho de pesquisa, tal como toda atividade educativa, social, cultural, é fundamental estabelecer claramente as pessoas que assumem ou podem vir a participar do desenvolvimento do projeto.

A equipe de pesquisa em rede está sendo constituída com a participação ativa de pesquisadores e pesquisadoras, ancorados em grupos de pesquisa e programas de pós-graduação com que vimos colaborando desde longa data. São pesquisadores e pesquisadoras que vêm trabalhando com dimensões-chaves do problema aqui enunciado e têm demonstrado potencial de contribuições originais e relevantes para o estudo das epistemologias do sul e, particularmente, de suas implicações para políticas de sustentabilidade e de educação intercultural e inclusiva.

A construção e ampliação da rede de cooperação científica intercultural e internacional que sustentará e animará o desenvolvimento deste projeto de pesquisas está sendo constituída pelas seguintes pesquisadoras e pesquisadores, cada qual com contribuições específicas:

A cooperação de Beleni Salete Grando – coordenadora do Grupo de Pesquisa Corpo Educação e Cultura – COEDUC, da Universidade Federal do Mato Grosso – será importante para mediar a interação com pesquisadoras e pesquisadores orgânicos a povos indígenas da região mato-grossense. A mediadora intercultural Severiá Idoriê Xavante já aceitou participar como pesquisadora colaboradora neste projeto. Outros colegas se inserirão no decorrer do processo de pesquisa.

Adir Casaro Nascimento – professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), líder do Grupo de Pesquisa “Educação e Interculturalidade” (UCDB/CNPq) e coordenadora do Observatório da Educação, Núcleo UCDB com o projeto “Formação de professores indígenas kaiowá e guarani em Mato Grosso do Sul: relações entre territorialidade, processos próprios de aprendizagem e educação escolar” – vai cooperar para a articulação orgânica com pesquisas que vêm sendo realizadas por pesquisadores e pesquisadoras vinculados a povos indígenas do território sul-mato-grossense.

Ivanilde Oliveira Apoluceno – coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Pará (UEPA) e líder do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP) – aceitou cooperar para articular processos de pesquisas em educação junto aos povos da Amazônia. Outros pesquisadores da mesma universidade, já se vincularam à RedeMover de pesquisas para cooperar no desenvolvimento do presente projeto, particularmente para estudar as cosmovisões não coloniais ou decoloniais dos povos da Amazônia:

João Colares da Mota Neto – desenvolve pesquisas nas áreas da Educação Popular, da Educação de Jovens e Adultos e dos Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais Latino-Americanos, participando do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP/UEPA).

Maria Betânia Barbosa Albuquerque – Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará, na Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia. Coordenadora do Grupo de Pesquisa História da Educação na Amazônia.

Sergio Roberto Moraes Corrêa – professor da UEPA vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação; coordenador do Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Educação e Trabalho na Amazônia – GEPDETAM; pesquisador do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire – NEP.

Jacques Gauthier, pesquisador sênior, contribuirá tanto para agenciar e animar a articulação da rede de pesquisas do ponto de vista teórico-metodológico da sociopoética, quanto para estudar criticamente as aprendizagens epistemológicas na interação com as culturas científicas ocidentais, indígenas e budistas, com que vem desenvolvendo intensas pesquisas.

Mônica Pereira dos Santos – professora e pesquisadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e líder do Observatório Internacional sobre Interculturalidade, Inclusão e Inovação Pedagógica (OIIIPE) – contribuirá particularmente para a articulação de pesquisas que estudam as implicações das cosmovisões originárias para inovações no campo da educação intercultural e inclusiva.

Valdo Hermes de Lima Barcelos – professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, líder Grupo Pesquisa “KITANDA: Educação e Intercultura” (UFSM/CNPq) – contribuirá para estudar as implicações para a educação no campo da interculturalidade e sustentabilidade.

A cooperação de Rosanna Cima e Mariateresa Muraca – professora e pesquisadoras da Università di Verona, Itália, já colaboradoras do Grupo de Pesquisas “Educação Intercul-

tural e Movimentos Sociais” (CNPq/UFSC) – será relevante para o aprofundamento do enfoque decolonial, a partir dos estudos que vêm realizando, do ponto de vista crítico ao paradigma moderno-colonial, sobre práticas educacionais em contextos interculturais e populares.

No contexto latino americano, será muito importante a cooperação científica em rede com Raúl Adolfo Diaz e Jorgelina Villarreal (professor e pesquisadora da Universidade Nacional de Comahue, Argentina), juntamente com a de Bóris Guzmán (pesquisador chileno, doutor pela Universidade Federal da Bahia), particularmente para estudar os desafios e propostas educacionais interculturais do ponto de vista do povo Mapuche na Patagônia argentina e chilena.

Zayda Sierra (pesquisadora sênior da Universidad de Antioquia, Colômbia) terá um papel estratégico para conduzir estudos relativos aos povos originários e afrodescendentes da região andina, assim como para estabelecer conexões com movimentos organizados de povos originários, tanto no contexto regional quanto em suas articulações internacionais. No decorrer do processo de pesquisa, mediará cooperação com grupos de pesquisa da Universidade da Antioquia, Medellin, Colômbia, particularmente com os responsáveis pela formulação e condução do projeto da Pedagogia de la Madre Tierra (GREEN; SINIGUI; ROJAS, 2010).

José Marín (pesquisador sênior peruano-suíço no campo da antropologia latino-americana), contribuirá eminentemente para os estudos das cosmovisões de povos originários de Abya-Yala, para aprofundar suas conexões com as perspectivas epistemológicas e interculturais de povos ancestrais de outros contextos continentais.

Na Austrália, contaremos com apoio de dois importantes centros de pesquisa. Em Brisbane, o Griffith Institute for Educational Research (GRIER) será a base de articulação das pesquisas e de atividades de cooperação científica com pesquisadores e grupos de pesquisa que trabalham com os povos aborígenes australianos. Greer Johnson, diretora do GRIER, juntamente com Susan Monk e Harry Van Issum, pesquisadores do mesmo Instituto, já cooperaram com esta rede de pesquisas. Também contaremos com a cooperação do pesquisador Carlos Rivera-Santana (professor e pesquisador em the Aboriginal and Torres Strait Islander Studies Unit at The University of Queensland) propiciará articulação estratégica com pesquisadores que vêm se encontrando no South-South Dialogues Symposium. O primeiro realizado em 5-6 de novembro de 2015 (http://www.uq.edu.au/events/event_view.php?event_id=11850) e o segundo, “The 2nd

South – South Dialogues: coloniality, race, and indigenous epistemologies”, programado para se realizar em 29-30 de Novembro de 2017 (<https://languages-cultures.uq.edu.au/event/session/2831>)

Em Perth, Dora Marinova (diretora do Curtin University Sustainability Policies Institute) colaborará para desenvolver estudos sobre as implicações das cosmologias ancestrais para as políticas de sustentabilidade no contexto internacional contemporâneo.

A confirmação da colaboração de Maria Paula Menezes – investigadora coordenadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, integrando o núcleo de estudos sobre Democracia, Cidadania e Direito (DECIDE, Professora da Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique – torna possível articular com esta rede estudos decoloniais relacionados com cosmovisões de povos originários do continente africano. Além disso, favorecerá interlocução com o Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, referência internacional para os estudos decoloniais.

A colaboração já assegurada por parte destes pesquisadores e centros de pesquisa possibilitará o desenvolvimento do processo de pesquisa proposto, na média em que tem potencial para construir vínculos de mediação intercultural e de cooperação dialógica com movimentos organizados e grupos de povos originários da América Latina e Austrália, bem como para ampliar a rede de cooperação científica interinstitucional e internacional junto aos povos originários também da Nova Zelândia, África e Américas.

Contamos também com o apoio técnico e auxílio à pesquisa dos bolsistas Sergio Henrique da Silva, Marcia Taborda e Sérgio Feldemann de Quadros. Espera-se poder continuar contando com este apoio, bem como integrar a colaboração de novos auxiliares de pesquisa vinculados aos diferentes grupos e institutos parceiros.

Por fim, a nossa tarefa como coordenador deste projeto de pesquisa (PQ/CNPq) consiste em formular e fundamentar o projeto, de modo a mobilizar a articulação da rede de pesquisadores e animar as atividades de pesquisas e debates, promovendo a sistematização e problematização do que esta rede de pesquisadores estará aprendendo na sua interação intercultural com povos originários do sul.

Na tabela abaixo constam os nomes de pessoas convidadas, que já aceitaram integrar a rede de pesquisas. Vários pesquisadores e colaboradores já se encontram cadastrados no Grupo de Pesquisa “Educação Intercultural e Movimentos Sociais” - CNPq/UFSC

(<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1160319095731057>). Novos integrantes se integrarão à rede de pesquisas durante o desenvolvimento do projeto.

COORDENADOR	País	Instituição	Link CV (para baixar, copiar e colar link na janela de busca)
Reinaldo Matias Fleuri	BR	UFSC	http://lattes.cnpq.br/0966229092773143
PESQUISADORXS			
Kércia Priscilla Figueiredo Peixoto	BR	UFSC	http://lattes.cnpq.br/5280846737918794
Juliana Akemi Andrade Okawati	BR	UFSC	http://lattes.cnpq.br/1263917353420512
Josué Carvalho	BR	UFSC	http://lattes.cnpq.br/3749800038682321
Rodrigo Corrêa Diniz Peixoto	BR	UFPA	http://lattes.cnpq.br/9872938064820413
Adir Casaro Nascimento	BR	UCDB	http://lattes.cnpq.br/1629728652577164
Beleni Salete Grandó	BR	UFMT	http://lattes.cnpq.br/2322323427528838
Severíá Idoriê Xavante	BR	UFMT	http://lattes.cnpq.br/3442248052740281
Eliton Rufino Seára	BR	UFSC	http://lattes.cnpq.br/5368746525848487
Ivanilde Oliveira Apoluceno	BR	UEPA	http://lattes.cnpq.br/6486192420682817
João Colares da Mota Neto	BR	UEPA	http://lattes.cnpq.br/6415743127554581
Maria Betânia Barbosa Albuquerque	BR	UEPA	http://lattes.cnpq.br/6849661131305117
Sergio Roberto Moraes Corrêa	BR	UEPA	http://lattes.cnpq.br/1347947243469780
Jacques Gauthier	BR		http://lattes.cnpq.br/3521404840186488
Mônica Pereira dos Santos	BR	UFRJ	http://lattes.cnpq.br/8795823734042859
Valdo Hermes de Lima Barcelos	BR	UFMS	http://lattes.cnpq.br/7447760896466057
Rosanna Cima	IT	UNIVR	http://www.redemover.com.br/curriculums/Rosanna-Cima-CV.pdf
Mariateresa Muraca	IT	UNIVR	http://lattes.cnpq.br/1031878280995937
Jorgelina Villarreal	AR	UNCOMA	http://www.redemover.com.br/curriculums/JorgelinaVillarrealCV.pdf
Raúl Adolfo Díaz	AR	UNCOMA	http://www.redemover.com.br/curriculums/Raul-Diaz-CV.pdf
Zayda Sierra	CO	UA	http://scienti.colciencias.gov.co:8081/cvlac/visualizador/generarCurriculoCv.do?cod_rh=0000025135
Bóriz Ramirez Gusmán	CL	UFBA	http://lattes.cnpq.br/4460388414197155
José Marín	PE		http://www.redemover.com.br/curriculums/marin.pdf
Greer Johnson	AU	GRIER	http://www.redemover.com.br/curriculums/Greer-Johnson-CV.pdf
Susan Monk	AU	GRIER	https://www.griffith.edu.au/education/school-education-professional-studies/staff/academic-staff/sue-monk
Harry Van Isssum	AU	GRIER	https://www.griffith.edu.au/education/school-education-professional-studies/staff/academic-staff/harry-van-issum
Carlos Rivera Santana	AU	UQ	http://researchers.uq.edu.au/researcher/4454
Dora Marinova	AU	CUSP	http://www.redemover.com.br/curriculums/doramarinova.pdf
Maria Paula Menezes	MZ	UEM	http://ces.uc.pt/pt/ces/pessoas/investigadoras-es/maria-paula-menezes

“Pesquisar para transformar”

VIII. Resultados e Impactos Esperados

1. Consolidação de **RedeMover de cooperação científica interinstitucional** (nacional e internacional) através da realização de seminários, atividades de intercâmbio e comunicação virtual através do portal www.redemover.com.br.

2. Desenvolvimento, debate e publicação de **produção científica**, particularmente de artigos (em periódicos qualificados), capítulos e livros elaborados autores articulados em rede.
3. Formulação e divulgação de **subsídios** para a construção de políticas de sustentabilidade bem como de estratégias e práticas de educação intercultural e inclusiva.

“No caminho tinha uma pedra...”

IX. Riscos e oportunidades

1. O primeiro desafio que se coloca ao desenvolvimento deste processo de pesquisa é a da mobilização, bem como da manutenção da coesão da equipe e da rede de pesquisa, devido à diversidade de vínculos, necessidades, potencialidades e ritmos dos integrantes da rede de pesquisas. Um programa conjunto bem articulado, a busca de interlocução e avaliação constante com todos os participantes, a criação de mediações virtuais e institucionais de trabalho em rede, são algumas das estratégias para transformar os obstáculos em alicerces para a construção do trabalho em rede e do processo de pesquisa.

2. Pretende-se estabelecer relações de parceria e de cooperação, em nível nacional e internacional, entre grupos de pesquisas interculturais e ecológicas. Para isso, cultivaremos as relações pessoais e institucionais já iniciadas ou estabelecidas pelas atividades que vimos desenvolvendo ao longo das atividades realizadas pela RedeMover. Buscaremos otimizar o uso dos recursos institucionais disponíveis, assim como as oportunidades de participação em eventos, de publicações e de visitas institucionais.

X. Referências Bibliográficas

ARDOINO Jacques et al. Sciences de l'éducation, Sciences Majeures. ACTES DE JOURNEES D'ETUDE TENUES A L'OCCASION DES 21 ANS DES SCIENCES DE L'EDUCATION. Issy-les-Moulineaux: EAP, Colección Recherches et Sciences de l'éducation, 1991, p. 173-181. Disponível em http://publicaciones.anuies.mx/pdfs/revista/Revista87_S1A1ES.pdf . Acesso em 21.08.2017.

BENITES, Eliel. (Comunicação oral). In: *Seminário Fronteiras Etno-culturais e fronteiras da exclusão: desafio da interculturalidade e da equidade*, 2002. Tema: A Etnicidade no contexto de uma sociedade intercultural. Campo Grande, MS, 16 a 19 de setembro de 2002.

BRASIL. *Censo Demográfico 2010*. Características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>. Acesso em 12.03.2017.

CIMA, R. Redesenhar os mapas do encontro: trabalho de cuidado com os migrantes. *Revista Visão Global*, Joaçaba, v. 15. n. 1-2, p. 103-114, jan./dez.2012. Disponível em <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/visaoglobal/issue/current/showToc>. Acesso em 06.08.2017.

CLASTRES, Hélène. *Terra sem mal: o profetismo Tupi-Guarani*. São Paulo: Brasiliense, 1978.

CMN - CONFEDERACIÓN MAPUCE DE NEUQUÉN. *Propuesta para un KVME FELEN MAPUCE*. Neuquén: CMN, 2010.

DÍAZ, R.; VILLARREAL, J. Teoría y práctica intercultural: políticas públicas y estrategias interculturales originarias para una articulación con identidad. *Revista Espaço Pedagógico*, Passo Fundo, v. 17, n. 2, p. 189-210, jul./dez. 2010. Disponível em <http://www.upf.br/seer/index.php/rep/issue/view/273/showToc> . Acesso em 12.03.2017.

EM ABERTO. *Sustentabilidade: desafios para a educação científica e tecnológica*, Brasília: INEP, v. 27, n. 91, 2014. Disponível em <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/issue/view/260> . Acesso em 06.08.2017.

ESPAÇO PEDAGÓGICO. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, v. 17, n. 2, jul./dez. 2010. Disponível em <http://www.upf.br/seer/index.php/rep/issue/view/273/showToc> . Acesso em 06.08.2017.

FERRAZ, Marcos Grinspum. *Temos que aprender a ser índios, diz antropólogo*. Brasileiros.com.br, 2014. Disponível em <http://brasileiros.com.br/bdz6r> . Acesso em 12.03.2017.

FLEURI, Reinaldo Matias; GAUTHIER, Jacques; GRANDO, Beleni Salette. (Orgs.) *Uma pesquisa sociopoética: o índio, o negro e o branco no imaginário de pesquisadores da área de educação*. Florianópolis: UFSC/NUP/CED, 2001.

FLEURI, Reinaldo Matias. *Educação Intercultural: decolonizar o saber, o poder, o ser e o viver*. Relatório do Projeto Integrado de Pesquisa - Produtividade em Pesquisa – PQ – CNPq / UFSC (2010-2014). Florianópolis: UFSC, 2013. (Relatório do Projeto Integrado de Pesquisa - Produtividade em Pesquisa – PQ – CNPq / UFSC, 2010-2014). Trabalho não publicado.

FLEURI, R. M. Sustentabilidade: desafios para a educação científica e tecnológica. *Em Aberto*, v. 27, p. 21-40, 2014.

FLEURI, R. M. Apresentação - Sustentabilidade: desafios para a educação científica e tecnológica (organizador). *Em Aberto*, v. 27, p. 15-18, 2014.

FLEURI, Reinaldo Matias. Aprender com os povos indígenas. *Revista de Educação Pública*, [S.l.], v. 26, n. 62/1, p. 277-294, maio 2017. ISSN 2238-2097. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/4995>>. Acesso em: 21 jul. 2017a.b

FLEURI, Reinaldo Matias. *Educação Intercultural e Movimentos Sociais: Trajetória de pesquisas da Rede Mover*. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017b. 318p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 3.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975.

GUZMÁN, B. R. Interculturalidade em questão: análise crítica a partir do caso da Educação Intercultural Bilíngue no Chile. *Revista Pedagógica*. Chapecó, vol. 1, n. 28, p. 87-118, jan./jun.2012. Disponível em <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/issue/view/103>. Acesso em 12.03.2017.

GASCHÉ, Jorge. ¿Qué valores sociales bosquesinos enseñar en las escuelas de la Amazonia Rural? *Revista Pedagógica*, Chapecó, v. 14, n. 28, p. 49-86, jan./ jun.2012. Disponível em: <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/1360/738> . Acesso em 12.03.2017.

GAUTHIER, Jacques. Demorei tanto para chegar... ou: nos vales da epistemologia transcultural da vacuidade. *Tellus*, v. 11, n. 20, p. 39-67, jan./jun. 2011. Disponível em <http://www.tellus.ucdb.br/index.php/tellus/article/view/214> . Acesso em 06.08.2017.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: _____. *Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. Trad.: Federico Carotti. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 143-179.

GREEN, A. La educación desde la Madre Tierra: un compromiso con la humanidad. En *Memorias del Congreso Internacional de educación, investigación y formación docente*. Medellín: Facultad de Educación, Universidad de Antioquia, 2006.

GREEN, Abadio Stocel; SINIGUI, Sabine; ROJAS, Alba Lucia. *Licenciatura en Pedagogia de la Madre Tierra*. Una apuesta política, cultural y académica desde la educación superior y las comunidades ancestrales. Medellín: Grupo de Investigación DIVERSER, Facultad de Educación Universidad de Antioquia, 2010. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4768307.pdf> . Acesso em 23.08.2017.

HECK, Dionísio Egon; Silva, Renato Santana da; Feitosa, Saulo Ferreira (organizadores). *Povos indígenas: aqueles que devem viver – Manifesto contra os decretos de extermínio*. Brasília: Cimi – Conselho Indigenista Missionário, 2012.

LEFEBVRE, Henri. *Lógica formal / lógica dialética (Logique formelle. Logique dialectique)*. Trad. Carlos Néilson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975. 302p. (Coleção Perspectivas do homem, 100).

LINHAS. Florianópolis: UDESC, (no prelo).

MAMANI, Fernando Huanacuni. *Buen Vivir / Vivir Bien: Filosofía, políticas, estrategias y experiencias regionales andinas*. Lima: Coordinadora Andina de Organizaciones Indígenas – CAOI, 2010. Disponível em <http://www.dhl.hegoa.ehu.es/recursos/733> . Acesso em 06.08.2017.

MARCON, Telmo. Educação indígena diferenciada, bilíngue e intercultural no contexto das políticas de ações afirmativas. *Revista Visão Global*. Joaçaba v.13, n.1, p. 97-118, jan./jun.2010. Disponível em <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/visaoglobal/issue/view/48> . Acesso em 06.08.2017.

MARÍN, J. Perú: Estado-Nación y sociedad multicultural. Perspectiva actual. *Revista Visão Global*. Joaçaba v.13, n.2, p. 287-322, jul./dez. 2010. Disponível em <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/visaoglobal/issue/view/60>. Acesso em 12.03.2017.

MELIÀ, Bartolomeu. Palavras Ditas e escutadas – entrevista, *MANA* 19(1), 2013: 181-199. Disponível em www.scielo.br/pdf/mana/v19n1/v19n1a07.pdf . Acesso em 31.07.2016.

MORIN, Edgard. Le vie della complessità. In: BOCCHI G., CERUTI M. (a cura di). *La sfida della complessità*. Milano: Feltrinelli, 1985. p. 49-60.

MURACA, Mariateresa. *Práticas pedagógicas populares, feministas e decoloniais do movimento de mulheres camponesas em Santa Catarina. Uma etnografia colaborativa*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Florianópolis, 2015. Disponível em : <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1605> . Acesso em 06.08.2017.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidad del poder y clasificación social”. *Journal of world-systems research*, v. 11, n. 2, 2000, p. 342-386.

PADILHA, Paulo R.. *Currículo Intertranscultural: novos itinerários para a educação*. São Paulo: Cortez/IPF, 2004.

REVISTA PEDAGÓGICA. Chapecó: Unichapecó, vol. 1, n. 28, jan./jun.2012. Disponível em <http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/issue/view/103> . Acesso em 06.08.2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Toward a New Common Sense: Law, Science and Politics in the Paradigmatic Transition*. Nova Iorque: Routledge, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências, *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 63, 2002. Colocado online no dia

01 Outubro 2012, criado a 22 Agosto 2017. URL: <http://rccs.revues.org/1285> ; DOI : 10.4000/rccs.1285.

SANTOS, B.; MENEZES, M. P. (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SARANGO MACAS, Luis Fernando. *El Paradigma Educativo de Abya Yala: Continuidad histórica, avances y desafíos*. Managua: URACAN, 2014.

SAVIANI, Dermeval. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1980.

SERRES, Michel. *Eclaircissements*. Paris: Flammarion, 1994.

SEVERI, V.; ZANELLI, P. *Educazione, complessità e autonomia dei bambini*. Firenze: Nuova Italia, 1990.

SIERRA, Zayda; SINIGUÍ, Sabine; HENAO, Alexandra. Acortando la distancia entre la escuela y la comunidad Experiencia de construcción de un currículo intercultural en la Institución Educativa Karmata Rúa del Resguardo Indígena de Cristianía, Colombia. *Revista Visão Global*. Joaçaba v.13, n.1, p. 219-252, jan./jun.2010. Disponível em <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/visaoglobal/issue/view/48> . Acesso em 06.08.2017.

SIUM, Aman; DESAI, Chandni; RITSKES, Eric (2012). Towards the ‘tangible unknown’: Decolonization and the Indigenous future. *Decolonization: Indigeneity, Education & Society*. Vol. 1, No. 1, 2012, pp. I-XIII.

TRIVIÑIOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VALENCIA, Mario Armando Cardona. *Ojo de Jibaro*. Conocimiento desde el tercer espacio visual. Prácticas estéticas contemporáneas en el Eje Cafetero colombiano. Popayán: Editorial Universidad de Cauca, 2015.

VALLA, Victor Vincent. A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 17^a, 1994, Caxambu (MG). Resumo in Boletim da ANPEd: Programação, resumo dos trabalhos e comunicações. Caxambu: ANPEd, 1994, p. 176.

VISÃO GLOBAL. Joaçaba: UNOESC, v. 13. n. 1, jan./jun..2010. Disponível em <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/visaoglobal/issue/view/48/showToc> . Acesso em 06.08.2017.

VISÃO GLOBAL. Joaçaba: UNOESC, v. 15. n. 1-2, jan./dez.2012. Disponível em <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/visaoglobal/issue/current/showToc> . Acesso em 06.08.2017.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y (de)colonialidad: Perspectivas críticas y políticas. *Revista Visão Global*, Joaçaba, v. 15. n. 1-2, p. 61-74, jan./dez.2012. Disponível em <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/visaoglobal/index> . Acesso em 06.08.2017.

WALSH, Catherine (org). *Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. TOMO I. Quito: Abya Yala, 2013, p. 23-68.

WATSON, Irene. *Aboriginal Peoples, Colonialism and International Law*. Abington: Routledge, 2015.

YUS RAMOS, Rafael. *Temas Transversais: em busca de uma nova escola*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

XI. ANEXO: Declarações de apoio institucional



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS/DOCTORADO

DECLARAÇÃO

Declaro que o Professor Doutor **Reinaldo Matias Fleuri** é professor permanente junto ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH/UFSC), exercendo atividades de pesquisa (como Pesquisador 1 do CNPq), de cooperação científica interinstitucional e internacional, de ensino e de orientação de pesquisas em nível de doutorado e pós-doutorado.

Declaro, outrossim, que o PPGICH/UFSC, classificado como nível 6 pela CAPES, oferece suporte aos projetos de pesquisa e de cooperação científica internacional que estão sendo, ou venham a ser desenvolvidos pelo professor com apoio de agências de fomento ou de instituições parceiras.

Estando à disposição para prestar quaisquer outras informações pertinentes, firmamos a presente.

Florianópolis, 23 de agosto de 2017

Assinatura manuscrita em tinta preta, legível como "Teresa Kleba Lisboa".

Prof.ª Dr.ª Teresa Kleba Lisboa
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação
Interdisciplinar em Ciências Humanas/Doutorado
UFSC/CFH
SIAPE 1159677

Director: Professor Greer Johnson
Mt Gravatt Campus, Griffith University
176 Messines Ridge Road
Mt Gravatt, Qld 4122 Australia

Telephone: +61(0)7 3735 5683
Fax: +61(0)7 3735 6992
Email: g.johnson@griffith.edu.au

11 August 2017

Professor Reinaldo Matias Fleuri

Email: redemover@gmail.com

Dear Reinaldo

Thank you for your email of 26 July 2017 regarding setting up a network research project to study the worldviews related to the conception of 'well-living' of the indigenous peoples of the Southern Hemisphere in their de-colonial and non-colonial implications for sustainability policies, and for innovative practices for intercultural and inclusive education.

I am very happy to accept your invitation to supervise your research program which will be developed in cooperation with Dr Susan Monk and Mr Harry Van Issum in second semester 2018. I have noted that you hope to improve a cooperative work program which would include activities of bibliographic reviews, interviews, research articulation, exchanges, seminars and joint publications. I am in agreement with these activities. This work would be conducted within the GIER Leadership for Learning research program. As such the publication of all work related to this project will carry the Griffith University byline.

I also confirm that your knowledge of English is sufficient for the development of the planned activities.

Information you have requested for the CNPq application below:

Professor Greer Johnson
Director, Griffith Institute for Educational Research
Nationality: Australian
Birth Country: Australia
Date of Birth: 11 August 1951
CV: Attached to this letter.

Yours sincerely



Greer Johnson
Director
Griffith Institute for Educational Research

Attach: CV – Prof Greer Johnson

Cf. tb. **Compilação parcial das cartas de aceitação dos integrantes** da RedeMover
(copiar e colar o link na janela de busca):
http://www.redemover.com.br/doc/compilacao_aceite.pdf